

O que Édipo sabe sobre o homem que matou no trívio

Flávio Ribeiro de Oliveira*

RESUMO: Neste artigo, procuro demonstrar que no *Rei Édipo* de Sófocles a questão central – o parricídio – não é definitivamente resolvida: do ponto de vista epistemológico, não se pode afirmar que Édipo matou Laio.

Palavras-chave: Sófocles; *Rei Édipo*; parricídio.

What Oedipus knows about the man he killed at a crossroads

ABSTRACT: In this paper I try to demonstrate that in Sophocles' *Oedipus Tyrannus* the central question – the parricide – is not definitely settled: from an epistemological point of view, it is not possible to assert that Oedipus killed Laius.

Keywords: Sophocles, *Oedipus Tyrannus*, parricide.

Quando compunham tragédias, os dramaturgos gregos normalmente tomavam seus temas da tradição mítica. A tradição mítica grega, contudo, não tinha livro canônico: compunha-se de inúmeras versões que, embora conservando um núcleo original imutável, apresentavam variações pontuais conforme as épocas, regiões ou gêneros poéticos em que foram registradas. Às vezes, aquilo que, ao leitor moderno, parece fazer parte do tema central imutável é, na verdade, uma variação acessória, não essencial à estrutura do mito. Vejamos, por exemplo, o caso do mito de Medeia: o leitor moderno pouco familiarizado com a área de Estudos Clássicos normalmente considera o filicídio parte do núcleo imutável do mito. Quando, hoje em dia, se pensa na figura mítica de Medeia, imediatamente nos vem à mente a imagem do assassinato brutal que ela comete contra os próprios filhos. Contudo, esse era um elemento acessório no mito: em nenhuma das versões conhecidas anteriores a Eurípides Medeia mata intencionalmente seus filhos. O filicídio talvez seja uma variação introduzida por Eurípides¹.

No mito de Édipo, a modernidade identifica dois temas centrais: o do parricídio e o do incesto (veja-se, por exemplo, a leitura de Freud). Ambos os temas – presentes no *Rei Édipo* de Sófocles (que é a versão que definirá toda a recepção posterior do mito) – foram tomados da tradição mítica pelo dramaturgo. Na *Odisseia* já se mencionavam as desventuras de Édipo – e ali já se fazia referência ao incesto e ao parricídio. No canto XI, ao descrever o que vira no Hades, Odisseu diz: “vi a mãe de Édipo, a bela Epicasta, que perpetrou um feito enorme sem sabê-lo, desposando o próprio filho (*gemaméne hōi*

* Possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1989), mestrado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (1994) e doutorado em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2001). Realizou pós-doutorado no Centre Léon Robin (Université Paris IV-Sorbonne / École Normale Supérieure / CNRS) (2008). Atualmente é professor doutor da Universidade Estadual de Campinas.

¹ Cf. PAGE, s.d., p. XXI – XXV; cf. também MASTRONARDE, 2006, p. 50-3.

huîi); e ele, depois de matar o próprio pai, a desposou (*hòn patér' exenaríxas gêmen*)². Contudo, o leitor atento terá notado que, aqui, a mãe de Édipo é chamada de Epicasta. Os trágicos a chamavam de Jocasta. Jan Bremmer explica essa variação onomástica pelo pouco interesse que havia na figura da mãe de Édipo³. Para Bremmer, na estrutura do mito o incesto é apenas um comentário moral sobre o parricídio. Esse mito – cuja função primordial é condenar o parricídio – nos mostra que o homem que comete parricídio é tão abjeto que é capaz de cometer também monstruosidades adicionais (como o incesto). Exemplifico o ponto de vista de Bremmer tomando um mito contemporâneo: quando um anticomunista afirma que comunistas comem criancinhas, seu propósito é condenar o comunismo, e não a antropofagia. Para ele, um comunista é uma criatura tão abjeta que é até capaz de comer criancinhas⁴.

Eu não chegaria a afirmar, com Bremmer, que o tema do incesto não tem nenhum interesse profundo na estrutura do mito – mas concordo que é secundário: o tema central é, aqui, o parricídio⁵. Sófocles, portanto, quando compunha o *Rei Édipo*, tinha à sua disposição um material tradicional cujo núcleo era uma condenação do parricídio – isso é indiscutível: não há versões do mito de Édipo em que ele não mata seu pai (enquanto, por outro lado, há versões do mito de Medeia em que ela não mata os filhos). Levando em conta a importância do tema do parricídio na estrutura do mito, será interessante investigarmos como o poeta lidou com esse material. A investigação que proponho é epistemológica: pretendo examinar, na estrutura da peça, quais são os fundamentos sobre os quais está assentada a convicção de que Édipo assassinou Laio. Essa investigação levará em conta a articulação lógica do texto de Sófocles (e não recorrerá a especulações psicologizantes do tipo “naquela ocasião, Édipo devia estar pensando isso ou aquilo”, que só podem fazer sentido se estivermos lidando com o comportamento de pessoas reais⁶).

Os oráculos de Apolo têm um papel central na articulação da ação dramática da peça de Sófocles e na elucidação das questões do parricídio e do incesto – e lembremos de que são dois os oráculos e que eles têm estruturas diferentes: o oráculo proferido a Laio, que afirmava que ele seria morto pelo filho⁷, é simples (diz respeito apenas ao parricídio); aquele proferido a Édipo, que afirmava que ele se uniria à mãe, teria filhos com ela e mataria o pai⁸, é triplo (inclui o incesto, a geração de prole incestuosa e o parricídio). Do ponto de vista lógico, a proposição “A ocorrerá” será verdadeira se A ocorrer. A proposição “A, B e C ocorrerão”, por outro lado, só será verdadeira se ocorrerem A, B e C – ou seja, do ponto de vista da lógica formal, ela não será verdadeira

² *Odisseia*, XI, 271-4. Tradução minha, meramente instrumental, sem nenhuma pretensão literária.

³ BREMMER, 1994, p. 51: “the lack of any profound interest in his mother is confirmed by the variety of her names”.

⁴ É simultaneamente cômico e trágico que em 2019, no Brasil, haja gente que pense assim. Mas esse artigo não é sobre política...

⁵ Cf. também JEBB, 1883, p. xiii: “the essence of the myth is the son slaying his unknown father, and thereby fulfilling a decree of fate. The subsequent marriage, if not an original part of the story, seems to have been an early addition”.

⁶ Sigo, portanto, o princípio metodológico de Dodds: “what is not mentioned in the play does not exist”. (DODDS, 1983, p. 180). O artigo de Dodds foi publicado originalmente em *Greece & Rome*, 13, 1966, p. 37-49.

⁷ Versos 711-4: “outrora chegou a Laio um oráculo [...] segundo o qual o seu destino era morrer por obra de um filho que de mim e dele nascesse” (*khresmòs gàr êlthe Laioi pot' [...] hos autòn héxoi moîra pròs paidòs thaneîn hóstis génoit' emoû te kakeinou pára*). Todas as traduções do *Rei Édipo* são minhas (SÓFOCLES, 2015).

⁸ Versos 790-3: “diz que devo me unir a minha mãe e que exporei aos homens uma prole insuportável de se ver e que serei o assassino do pai que me gerou” (*légon hos metri mèn khreíe me mikthênai, génos d' átleton anthrópoisi delósoim' horân, phoneùs d' esoímen tou phyteúsantos patròs*).

se *A* e *B* ocorrerem, mas *C* não ocorrer⁹. E mais: a eventual ocorrência de *A* e de *B* não implica necessariamente¹⁰ a ocorrência de *C*. O leitor sagaz não se ofenderá se, *for the sake of clarity*, eu recorrer a um exemplo banal: consideremos a proposição “amanhã o sol brilhará, fará calor e o rei ficará doente”. Do ponto de vista da lógica formal, é necessário que as três cláusulas sejam satisfeitas para que a proposição seja verdadeira. Se apenas o sol brilhar e fizer calor – mas o rei não ficar doente – a proposição será falsa. E nada nos autoriza a procurar um médico para o rei assim que constatarmos que o sol brilha e faz calor: aqui, é perfeitamente possível que duas das cláusulas se revelem verdadeiras e a outra, falsa. Na tragédia de Sófocles, Édipo, num momento de extrema gravidade, enfrentará um problema análogo (o oráculo que recebeu de Apolo tem a mesma estrutura lógica que o exemplo tolo que apresentei): que condições devem ser satisfeitas para que se considere verdadeiro o oráculo tripartite? É evidente que ele só será verdadeiro se suas três cláusulas – incesto, geração de prole incestuosa e parricídio – se revelarem verdadeiras.

Analisemos, pois, o texto de Sófocles. O prólogo da peça situa a ação. Édipo é o rei de Tebas. Ficamos sabendo que a cidade é devastada por uma epidemia de peste e que os campos, os animais e as mulheres tornaram-se estéreis. O oráculo de Delfos, consultado por Creonte, cunhado de Édipo, informa que o único modo de salvar a cidade é punir os assassinos do rei anterior, Laio, que vivem impunes em Tebas. Notem que Creonte, transmitindo a instrução oracular, emprega o plural: *toùs autoéntas*, “os autores” da morte de Laio (versos 106-7). Interrogado por Édipo, Creonte informa que Laio outrora viajou com uma comitiva, mas não voltou: todos morreram, exceto um, que fugiu de medo e, de tudo o que viu, só relatou uma coisa: “disse que bandidos (*leistàs*, no plural) encontraram e mataram [Laio], não pela força de um só, mas com múltiplas mãos” (*syn pléthei kherôn*) (versos 122-3). Portanto, o oráculo afirma que os autores (no plural) do crime devem ser punidos; a única testemunha do crime afirma que bandidos (no plural) mataram Laio. Édipo assume a responsabilidade esclarecer o assassinato do antigo rei.

No primeiro episódio, Édipo faz uma proclamação solene na qual amaldiçoa e promete punir quem matou Laio. O corifeu afirma que “diz-se que ele [Laio] foi morto por viajantes” (*prós tinon hodoipóron*, no plural) (verso 292). Chega o profeta Tirésias, que Édipo, por sugestão de Creonte, mandara chamar para ajudar a esclarecer o crime. Tirésias, contrariado, afirma que Édipo é o assassino de Laio (*phonéa se phémi tandròs hoû zeteîs kyreîn*) (verso 362). Ao final, antes de partir, conclui: o assassino de Laio se revelará “irmão e pai dos próprios filhos [...]; e filho e esposo da mulher de quem nasceu; e assassino do pai” (versos 457-60). A declaração de Tirésias, portanto, coincide com o oráculo que Édipo recebera outrora (e que, no arranjo da peça de Sófocles, só será revelado mais tarde, nos versos 790-3): menciona a prole incestuosa, o incesto e o parricídio.

As afirmações de Tirésias irritam Édipo, que as atribui a uma conspiração de Creonte para tomar-lhe o trono (pois foi Creonte quem aconselhou Édipo a consultar Tirésias). No segundo episódio, Édipo e Creonte discutem violentamente. Édipo argumenta: se Laio foi morto há muito tempo, então por que, naquela época, Tirésias não atribuiu o crime a Édipo? Ele só o faz agora porque está conluiado com Creonte. Portanto, para Édipo a declaração de Tirésias não se funda na arte mântica, mas é

⁹ Cf. PRIEST, 2000, p. 11: “*a & b* has the value *T* just if both of *a* and *b* have the value *T*; *a & b* has the value *F* just if at least one of *a* and *b* has the value *F*”. O mesmo raciocínio se aplica se a conjunção lógica tiver mais de duas cláusulas.

¹⁰ A não ser que $A \rightarrow C$ ou que $B \rightarrow C$, o que não é o caso da proposição oracular: “cometer incesto” não implica necessariamente “cometer parricídio”; “ter prole incestuosa” também não o implica.

motivada por uma conspiração política cujo propósito é destituir o rei. Édipo anuncia que punirá Creonte com a morte. Chega Jocasta, que, vendo os homens deblaterarem, interfere em favor de seu irmão. Édipo condescende em exilá-lo em vez de condená-lo à morte. Creonte parte; Jocasta pede a Édipo que lhe explique o que ocorrera. Ele explica: Creonte “afirma que sou eu o assassino de Laio” (verso 703). Jocasta pergunta como Creonte obteve essa informação; Édipo responde que ele enviou o profeta Tirésias para divulgá-la. Chegamos a um momento crucial da evolução da ação dramática: Jocasta, para tranquilizar Édipo, elabora um arrazoado contra a arte mântica, na qual Tirésias se pretende experto. “Não existe nada humano que participe da arte profética” (versos 708-9), diz Jocasta. Ela apresenta provas disso: outrora Laio recebera um oráculo segundo o qual seria morto por um filho que ele e Jocasta teriam (versos 711-4). Mas Laio, como se diz, foi morto por estrangeiros, por ladrões (*xénoi [...] leistaì*, versos 715-6), no cruzamento de três estradas. Quanto àquele filho, assim que nasceu, Laio ligou-lhe os pés e o abandonou em uma montanha inacessível para que perecesse. Portanto, conclui Jocasta, o oráculo não se cumpriu: o filho não sobreviveu para se tornar assassino do pai; Laio já morreu – e não foi assassinado por um filho. Não há motivo, portanto, para que Édipo se preocupe com o que diz o profeta Tirésias. O raciocínio de Jocasta, digamos de passagem, é indutivo – e trata-se de uma indução frágil, pois a boa indução baseia-se em um grande número de ocorrências: aqui, da ocorrência de um único oráculo malogrado, Jocasta chega à conclusão de que toda a arte profética deve ser desqualificada.

Contudo, o discurso de Jocasta, que visava a tranquilizar Édipo, produz efeito contrário. Um detalhe o inquieta: a tripla encruzilhada. Preocupado, Édipo interroga Jocasta sobre a localização exata desse trívio, sobre a época em que ocorreu o crime, sobre a aparência de Laio e sobre o séquito que o acompanhava. Obtidas as respostas, pergunta-lhe quem forneceu essas informações; ela responde que foi um servo que viajava com o rei – o único sobrevivente da expedição, a única testemunha do assassinato de Laio (e que, na peça, já fora mencionada nos versos 118-23). Édipo diz, com insistência (verso 765, verso 768), que esse homem deve ser trazido rapidamente à sua presença. Jocasta pergunta o que perturba o marido; ele, na resposta, elabora uma breve autobiografia: é filho de Pólibo e Mérope, reis de Corinto. Certa vez, num banquete, um bêbado o chama de “filho forjado” de seu pai (*plastòs [...] patrí*, verso 780). Édipo, intrigado, interpela os pais, que ficam indignados com a afronta do bêbado. Mas Édipo não se apazigua: escondido de Pólibo e de Mérope, viaja a Delfos para consultar o oráculo. Contudo o oráculo, interrogado, não lhe dá a resposta que esperava, mas diz que ele se unirá a sua mãe, gerará prole incestuosa e matará o próprio pai (versos 790-3). Édipo, para evitar o risco de que se cumpra a profecia, foge para longe de Corinto. Ao chegar ao mesmo lugar onde Jocasta afirmou que Laio fora morto – à tripla encruzilhada – defronta uma comitiva: num carro, acompanhado por pequeno séquito, viajava um velho cuja descrição coincide com a descrição que Jocasta fizera de Laio. Édipo é empurrado para fora da estrada; reage; o velho o agride. Édipo mata todos. Notemos que a declaração de Édipo é peremptória: “E mato todos” (*kteíno de tòus xýmpanas*, verso 813). Ele conclui: se esse velho era Laio, eu sou o homem mais miserável do mundo. Como assassino do rei, Édipo deverá ser exilado de Tebas (como ele mesmo decretou). Contudo, não pode retornar a Corinto, pois receia que ali se cumpra a profecia de que matará seu pai e se unirá a sua mãe. O corifeu o tranquiliza: que não perca a esperança antes de interrogar o servo que testemunhou o assassinato de Laio. Édipo concorda: “é só isso o que me resta de esperança” (versos 836-7). Se o sobrevivente confirmar o que disse antes (que Laio fora morto por um bando de ladrões), então Édipo não é o assassino de Laio. Édipo reitera e enfatiza a importância

de interrogar novamente esse homem (versos 842-7). Jocasta retruca: o servo não mudará sua declaração; toda a cidade o ouviu afirmar que Laio foi morto por ladrões. Édipo insiste: que se busque a testemunha (verso 859-60). O segundo episódio se conclui com a afirmação de Jocasta de que mandará buscar o servo.

Neste momento da ação dramática – recapitulemos – Édipo compreende assim sua situação: outrora, matou um homem num trívio. Agora, teme que esse homem seja Laio (pois Jocasta lhe revelou que Laio foi morto naquela mesma encruzilhada). E, se de fato matou Laio, Édipo será exilado – mas não poderá retornar a Corinto, por medo de que se cumpra o terrível oráculo que lhe fora revelado em Delfos. Contudo, se a testemunha confirmar que Laio foi morto por ladrões, Édipo está salvo. Notemos que, na estrutura da peça, o servo tem um papel central: é o único sobrevivente, é a única testemunha do crime. Após o crime, ele declarou publicamente que Laio foi massacrado por assaltantes. Agora, quando o receio de ter matado Laio aflige Édipo, o servo é sua única esperança: se confirmar o que dissera antes, então não é Édipo o assassino de Laio. O dramaturgo enfatiza a importância da testemunha na estrutura dramática da peça, mencionando-a – e com grande ênfase – em diversas passagens do texto. Para esclarecer o assassinato de Laio, será fundamental, portanto, perguntar à testemunha sobrevivente se ela confirma seu relato anterior. Neste ponto, contudo, devemos considerar um outro elemento relevante para a elucidação do crime: sim, a declaração prévia do sobrevivente inocente Édipo – mas a própria existência dessa testemunha já exclui a possibilidade de Édipo ser o assassino de Laio: Édipo, descrevendo seu entreencontro na encruzilhada, afirma categoricamente que matou todos. Não houve sobreviventes¹¹. Se, no caso do assassinato de Laio, houve um sobrevivente, então trata-se de duas ocorrências diferentes: dois assassinatos ocorridos no mesmo local em curto intervalo de tempo. Édipo matou um ancião, mas há fortes evidências de que Laio não é o ancião que Édipo matou.

Ao início do terceiro episódio, portanto, o público espera a chegada da testemunha, que já foi mencionada tantas vezes – e tão enfaticamente – no texto. Espera-se que Édipo a interrogue e lhe faça a pergunta decisiva, inevitável: se ela confirma o que afirmara antes, que Laio foi morto por um bando de assaltantes. Contudo, nossa expectativa é frustrada: em vez da testemunha, cuja vinda já se anunciara diversas vezes, chega um inesperado mensageiro de Corinto. Ele anuncia: Édipo será rei de Corinto; Pólibo, seu pai, morreu. Édipo e Jocasta rejubilam: malogrou a afirmação oracular de que Édipo mataria seu pai. Édipo espezinha a arte profética: ela não vale nada. Segundo Jocasta, agora Édipo não tem mais nada a temer. Mas Édipo retruca: “como não temer o leito de minha mãe?” (verso 976). Observemos que, neste momento da peça, Édipo interpreta assim sua situação: o oráculo de Delfos previu três eventos – que ele faria sexo com sua mãe, geraria prole incestuosa e cometeria parricídio. Das três previsões, a terceira (Édipo matará seu pai) revelou-se falsa, pois Pólibo morreu de velhice: Édipo não o matou. Mas Édipo ainda teme cometer incesto (e, eventualmente, gerar prole incestuosa). Portanto, ele admite a possibilidade de o oráculo ter uma cláusula falsa e duas verdadeiras. Do ponto de vista estritamente lógico, essa proposição oracular seria falsa (como mostrei acima: a afirmação *A & B & C* será falsa se ou *A* ou *B* ou *C* forem falsos; ela só será verdadeira se tanto *A* como *B* como *C* forem verdadeiros). O parricídio revelou-se impossível – conforme as informações que Édipo tem neste momento da peça – mas, ainda assim, Édipo continua a temer o incesto. Para nossa investigação sobre o tratamento que, na tragédia, é dado à questão

¹¹ Cf. KAMERBEEK, 1967, p. 165-6: “if he [Oedipus] did kill them all, the man murdered by him could not be Laius for one of the latter’s retainers escaped”.

do parricídio, isto é muito importante: Édipo, neste ponto, admite a possibilidade de o oráculo ser *parcialmente verdadeiro*.

O mensageiro coríntio pergunta a Édipo o que o inquieta. Ele responde: o oráculo de Apolo “disse outrora que eu devia ter relações com minha própria mãe e derramar com minhas mãos o sangue paterno” (versos 995-6). O mensageiro, acreditando que tranquilizará Édipo, anuncia que Pólipo não era seu pai. Édipo, assombrado, interroga-o sobre sua origem. O mensageiro conta que ele mesmo foi pastor e que, há muitos anos, um pastor tebano lhe entregou Édipo, bebê recém-nascido, quando apascentavam seus rebanhos no monte Cítéron. O bebê tinha os pés perfurados – daí seu nome, *Oidípous* (“Pés inchados”). O corifeu informa que esse pastor tebano, que deu o bebê ao mensageiro coríntio, é o mesmo homem que acompanhava Laio quando este foi morto: é o sobrevivente, é a testemunha que eles estão esperando. Sua vinda, portanto, torna-se ainda mais premente: antes, ele era o único que podia relatar de forma precisa como ocorreu o assassinato de Laio; agora, descobre-se que também é o único que pode informar quem são os verdadeiros pais de Édipo.

Jocasta, ao ouvir o relato do mensageiro coríntio, compreende que Édipo é seu filho (neste momento da ação dramática, apenas ela o sabe): como veremos mais tarde, foi ela, a mãe, quem deu ao servo a criança, com os pés atados, para que ele a expusesse à morte no monte Cítéron. Portanto, agora ela acaba de descobrir que seu filho não morreu – e que ele é Édipo, seu marido. Ela entra no palácio para se enforcar. Contudo, notemos que ela se suicida pela vergonha de ter cometido incesto. Com relação ao assassinato de Laio, ela nada sabe: a questão ainda não foi esclarecida pela testemunha.

No quarto episódio, chega finalmente o sobrevivente, a única testemunha do assassinato de Laio, o homem que pode esclarecer a questão fundamental: quem matou Laio? Não nos esqueçamos: essa é a questão central, que move toda a ação dramática. É a identificação e a punição do assassino (ou dos assassinos) de Laio que vai livrar Tebas dos males que a atormentam. Trata-se de uma questão política – pois implica toda a *pólis* – prioritária. Além dessa questão fundamental, surgiu no terceiro episódio uma outra questão: quem são os verdadeiros pais de Édipo? Essa, contudo, não é uma questão política: é uma questão pessoal de Édipo. Não é porque alguém cometeu incesto que a peste e a esterilidade se abatem sobre a cidade: castigam-na – como o oráculo proclamou – porque o rei Laio foi morto e seu assassino permanece impune. Nessa situação, o mais urgente para a *pólis* (e para o rei, que é seu dirigente político) é determinar quem matou Laio; descobrir a identidade dos pais de Édipo é uma preocupação secundária. Além disso, lembremo-nos de que na estrutura do mito de Édipo – como mostrei acima – o tema central é o parricídio; o incesto é um tema acessório. E, como veremos, se o assassinato de Laio não for deslindado, a identificação dos pais de Édipo poderá revelar apenas o incesto: o parricídio só será inequivocamente demonstrado se também provarmos que Édipo matou Laio.

Portanto, o servo que chega agora deve responder a duas perguntas: a primeira delas, premente, de importância crucial para toda a cidade, tem sido formulada e repetida com ênfase desde o início da peça e diz respeito às circunstâncias da morte de Laio; a segunda interessa diretamente a Édipo e diz respeito à sua origem. Contudo, quando Édipo finalmente interroga a testemunha do regicídio, dirige-lhe apenas as questões referentes à própria origem. O servo reluta em responder. Édipo o pressiona. O servo cede e revela: Édipo é filho de Laio e de Jocasta. Ela lhe deu o bebê para que o eliminasse, pois um oráculo dizia que aquele filho mataria o pai. Pois bem, está estabelecido – sem nenhuma margem para dúvida ou contestação – que Édipo é filho de Laio e de Jocasta: portanto, está estabelecido com certeza que Édipo cometeu incesto e gerou uma prole incestuosa (pois ele e Jocasta têm filhos). Édipo reage bradando:

“revelou-se que nasci de quem não devia, uni-me com quem não devia e matei quem não devia (versos 1184-5)”. Notem que, aqui, além de admitir ter cometido incesto e ter gerado prole incestuosa (fatos que estão incontestavelmente demonstrados), Édipo admite também ter cometido parricídio (o que ainda não está definitivamente demonstrado). Ao final do quarto episódio, Édipo parte, o servo parte – e Édipo não lhe faz a pergunta essencial, aquela cuja resposta aguardamos desde o início da peça, aquela que pode salvar a cidade: afinal de contas, Laio foi mesmo morto por um bando de ladrões? Agora, sabemos que Édipo é filho de Laio. Se Édipo matou Laio, então cometeu parricídio, como previam os oráculos. Mas e se Édipo *não* matou Laio? Como vimos, há fortes evidências de que não o matou: 1) o testemunho do sobrevivente; 2) a própria existência desse sobrevivente. Por outro lado, apenas a palavra profética declara que Édipo é o assassino do pai: os oráculos o declaram, Tirésias o declara. Mas, ao longo de toda a peça, a validade epistemológica da palavra oracular é colocada em questão. Seria petição de princípio afirmar que a evidência de que Édipo é o assassino de Laio é o fato de que os oráculos disseram que ele seria o assassino de seu pai. Oráculos e profetas dizem a verdade? Neste caso específico, as declarações de Tirésias e do oráculo de Delfos só serão verdadeiras *se* – e apenas *se* – Édipo de fato matou Laio. Mas a autoria do crime não foi elucidada de forma definitiva. Surpreendentemente, Édipo não interrogou a testemunha sobre isso. E, resignado, assume a autoria do assassinato de Laio mesmo sem ter esclarecido o crime: “matei quem não devia”. Édipo abandona o jogo¹² – mas o jogo ainda não estava perdido! Cometeu incesto, sim – isso é incontestável. Mas, no texto de Sófocles, não foi excluída definitiva e incontestavelmente a possibilidade de não ser ele o assassino de Laio. A questão ficou aberta – Édipo, contudo, submete-se à palavra oracular e aceita como irrefutável o fato de que é ele o assassino de Laio.

Neste ponto da peça, Édipo acredita que o oráculo que recebera outrora em Delfos se revelou verdadeiro. Contudo, vejam como é incongruente, do ponto de vista da lógica formal, a atitude de Édipo com relação ao oráculo: antes, ele temia que o oráculo fosse *parcialmente verdadeiro*; agora, não terá a esperança de que ele seja *parcialmente falso*. Explico: antes, na situação 1 (versos 976-88), Édipo admitia possibilidade de o oráculo ser parcialmente verdadeiro (pois ainda temia que a proposição oracular fosse *VVF*). Vejamos: Pólibo morreu; portanto, a última cláusula – “Édipo matará seu pai” – é falsa (*F*); mas Édipo ainda teme que sejam verdadeiras (*V*) as duas primeiras cláusulas (“Édipo cometerá incesto” e “Édipo gerará prole incestuosa”). Então, Édipo, neste momento, admite (e teme) a possibilidade de o oráculo ser *VVF*. Agora, na situação 2 (versos 1182-5), ele não tem esperança na possibilidade de o oráculo ser parcialmente falso (não tem esperança de que o oráculo se revele *VVF*): Édipo é filho de Jocasta; portanto, as cláusulas “Édipo cometerá incesto” e “Édipo gerará prole incestuosa” são verdadeiras – contudo, esta situação é simétrica à situação 1! Por que não admitir, aqui também – assim como ele admitira na situação 1 – a possibilidade de que a cláusula “Édipo matará seu pai” seja falsa e de que a proposição oracular venha a se revelar *VVF*?

Chegamos enfim à conclusão: a conclusão é que, com relação à morte de Laio, não há conclusão. Como vimos no início, o parricídio é o tema central do mito de Édipo – mas no *Rei Édipo* de Sófocles a questão do parricídio permanece aberta: a peça

¹² Já observei (em “Édipo Enxadrista”, in SÓFOCLES, 2015, p. 18-9) que a atitude de Édipo é análoga àquela do enxadrista que, precipitadamente, reconhece sua derrota em uma partida que ainda não está perdida. A situação ocorreu de fato em uma partida de 1919 entre Capablanca e Thomas: este abandonou a partida, reconhecendo sua derrota, quando na verdade, se fizesse o lance correto, ainda poderia obter o empate.

termina sem que se verifique clara e definitivamente se Édipo matou Laio. Essa inconclusividade tem chamado a atenção de alguns comentadores. O escoliasta já a notara: “deve-se observar que [Édipo] mandou buscar o velho para interrogá-lo sobre o assassinato de Laio e, tendo surgido uma outra questão, volta-se para a mais urgente”¹³. A justificativa do escoliasta, contudo, não é convincente: como vimos, a questão do assassinato de Laio é crucial do ponto de vista político. É a justa punição do assassino de Laio que livrará a cidade dos males que a afligem. Essa é a questão urgente. Webster (1936, p. 108) comenta que “when the Theban herdsman arrives, the whole story [relativa ao assassinato de Laio] could be made clear, but is in fact forgotten in the search for Oedipus’ father”. Charles Segal (2001, p. 103-4) adverte o leitor:

“Consider too what Oedipus does *not* ask the Old Herdsman. This man was introduced in the first scene of the play as the sole surviving witness to Laius’ death (118-25), and his evidence on that point was the primary motive for Oedipus’ intense eagerness to search him out later (755-66, 836-50, 859-61). Yet now, face to face with this witness, Oedipus does not ask about the scene at the crossroads, only about the exposure of the infant”.

Também Kamerbeek (1967, p. 221) nota que “the herdsman is not asked to give evidence about the murder of Laius (for which he was at first summoned). The certainty of Oedipus’ identity is such that his slaying of Laius is self-evident”. Sim, para Édipo sua culpa pareceu autoevidente. Contudo, do ponto de vista da arquitetura dramática, tendo sido apresentadas na peça tão fortes evidências de que Édipo não assassinou Laio, esperava-se que Sófocles resolvesse definitivamente essa questão crucial – enfatizemos isto: trata-se de uma questão crucial, e não de um pormenor secundário; o dramaturgo deixa inconclusa a questão central da peça. Jean Bollack (1990, p. 770) identifica a inconclusividade da tragédia (“depuis l’Antiquité, on note que Sophocle a laissé tomber une énigme non résolue, l’élucidation des conditions du meurtre”) e observa, argutamente, que “quand on rappelle la non-utilisation d’un élément non exploité jusqu’au bout, on se place dans une logique dramatique déficiente. L’abandon d’un détail aussi important a lui-même une signification dans la progression dramatique”.

Do mesmo modo que não é metodologicamente legítimo dar palpites sobre o que se passaria na cabeça de Édipo (“Édipo” é um texto, não uma pessoa), seria tarefa vã especular se Sófocles teve consciência dessa inconclusividade e, se teve, o que ele pretendia com ela. O fato é que o texto de que dispomos é inconclusivo. Podemos buscar – e encontrar – uma resposta definitiva, por exemplo, à questão “agentes da ditadura militar realmente mataram Vladimir Herzog?”. Trata-se de pessoas reais e de um fato histórico (e a resposta à questão é “sim” – nunca nos esqueçamos). Mas não é possível dar uma resposta definitiva à questão “no *Rei Édipo* de Sófocles, Édipo realmente matou Laio?”. Esse Édipo – o Édipo de Sófocles – e esse Laio – o Laio de Sófocles – só existem no texto de Sófocles. A questão “Édipo realmente matou Laio?” tem o mesmo estatuto epistemológico que a questão “Capitu realmente traiu Bentinho?”. Sófocles e Machado de Assis, em seus textos, não deram respostas categóricas a essas questões – e ambas são questões centrais no *Rei Édipo* e no *Dom Casmurro*, respectivamente. Mas ficaram sem resposta definitiva. Negá-lo é cegueira.

¹³ *Parateretéon hótí tòu géronta metepémpsatò epì tò anakrînai tòu phónon toû Laíou kai problethéntos hetérou tinòs epì tò anagkaióteron trépetai.* (PAPAGEORGIUS, 1888, pág. 205). Tradução minha.

Referências

BOLLACK, J. *L'Oedipe Roi de Sophocle. Le texte et ses interprétations. Commentaire. Deuxième partie.* Lille: Presses Universitaires, 1990.

BREMMER, J. Oedipus and the Greek Oedipus complex. In: BREMMER, Jan (ed.). *Interpretations of Greek mythology.* London: Routledge, 1994.

DODDS, E. R. On misunderstanding the *Oedipus Rex*. In: SEGAL, E. (ed.). *Oxford readings in Greek tragedy.* Oxford: Oxford University Press, 1983.

HOMERO. *Opera. Recognouit breuique adnotatione critica instruxit Thomas W. Allen. Tomus III. Odysseae libros I-XII continens.* Oxford: Clarendon Press, 1917.

JEBB, R. C. *Sophocles. The plays and fragments. Volume 1: the Oedipus Tyrannus.* Cambridge: Cambridge University Press, 1883.

KAMERBEEK, J. C. *The plays of Sophocles. Part IV: the Oedipus Tyrannus.* Leiden: Brill, 1967.

MASTRONARDE, D. *Euripides, Medea – Edited by Donald J. Mastronarde.* Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

PAGE, D. *Euripides, Medea – The text edited with introduction and commentary by Denys L. Page.* Oxford: Clarendon Press, s.d.

PAPAGEORGIUS, P. *Scholia in Sophoclis tragoedias uetera.* Lipsia: Teubner, 1888.

PRIEST, G. *Logic: a very short introduction.* Oxford: Oxford University Press, 2000.

SEGAL, Ch. *Oedipus Tyrannus. Tragic heroism and the limits of knowledge.* Oxford: Oxford University Press, 2001.

SÓFOCLES. *Rei Édipo: introdução, tradução e notas de Flávio Ribeiro de Oliveira.* São Paulo: Odysseus, 2015.

WEBSTER, T. B. L. *An introduction to Sophocles.* Oxford: Clarendon Press, 1936.

Data de envio: 18-03-2019

Data de aprovação: 03-08-2019

Data de publicação: 05-10-2019